

# Ecossistemas da antiga Bizâncio: formação ou fundação de uma *pólis* no Bósforo?\*

*Echoes of ancient Byzantium: formation or foundation of a polis in the Bosphorus?*

João Carlos Furlani\*\*

**Resumo:** Antes de se ser remodelada e transformada em Constantinopla, a capital do Império Romano, Bizâncio era uma típica *pólis* litorânea que, mediante o comércio portuário, tornou-se economicamente próspera. Isso fez dela uma cidade vibrante, independente e multicultural. A localização favorável, os recursos abundantes e a expansão territorial fizeram de Bizâncio o ponto de cruzamento entre continentes, onde ocorriam intensas trocas comerciais, culturais e políticas. É pensando nessa Bizâncio que temos como objetivo, neste artigo, apresentar e discutir questões relativas à criação desta cidade portuária, sobretudo no que concerne à relação entre gregos e trácios na ocupação e desenvolvimento do sítio. Perseguiremos o intrigante questionamento da fundação ou formação de Bizâncio no Bósforo. Com isso, demonstraremos que sua memória se formou como um espaço multicultural e de reconstrução da identidade cidadina. Para isso, reunimos diversos relatos de autores antigos, além de vestígios provindos da cultura material. Acreditamos que por sua localização fronteiriça, a imagem de Bizâncio oscilava entre dois polos e para assumir o controle do Bósforo e obter o apoio das demais *póleis*, os bizantinos precisaram solidificar sua identidade grega e atuar como uma espécie de benfeitora da *oikumene*. Mas, ao mesmo tempo, também precisaram lidar diplomaticamente com os grupos ditos bárbaros, isto é, os não-gregos.

**Abstract:** Before being remodeled and transformed into Constantinople, the capital of the Roman Empire, Byzantium was a typical coastal *polis* that, through port trade, became economically prosperous. This made it a vibrant, independent, and multicultural city. The favorable location, abundant resources, and territorial expansion made Byzantium a crossroads between continents, where intense commercial, cultural, and political exchanges took place. It is in thinking about this Byzantium that we aim, in this article, to present and discuss issues related to the creation of this port city, especially concerning the relationship between Greeks and Thracians in the occupation and development of the site. We will pursue the intriguing question of the foundation or formation of Byzantium in the Bosphorus. In doing so, we will demonstrate that its memory formed as a multicultural space and a reconstruction of urban identity. For this, we have gathered various accounts from ancient authors, as well as traces from material culture. We believe that due to its border location, the image of Byzantium oscillated between two poles, and to take control of the Bosphorus and gain the support of other *poleis*, the Byzantines needed to solidify their Greek identity and act as a benefactor of the *oikumene*. But at the same time, they also needed to diplomatically deal with the so-called barbarian groups, that is, the non-Greeks.

**Palavras-chave:**

Mediterrâneo.  
Bósforo.  
Bizâncio.  
Fundação.  
Multiculturalidade.

**Keywords:**

Mediterranean.  
Bosphorus.  
Byzantium.  
Foundation.  
Multiculturalism.

---

Recebido em: 22/08/2023

Approved em: 05/10/2023

---

\* O presente artigo foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) mediante a concessão de bolsa de pós-doutorado (Edital Profix 15/2022).

\*\* Realiza estágio pós-doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Doutor e mestre pela mesma instituição. Licenciado e bacharel em História pela Ufes. Membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/ES).

## Introdução

**E**m seus primórdios, Bizâncio foi uma cidade grega que ocupava apenas uma parte do que viria a ser Constantinopla e Istambul.<sup>1</sup> Sua importância política, social e cultural é, sem dúvida, reconhecida pela historiografia. Apesar disso, ao buscarmos o verbete “Bizâncio” nos catálogos das bibliotecas, nos depararemos com uma quantidade esmagadora de títulos compostos por “Império Bizantino”, “Sociedade Bizantina” ou “Civilização Bizantina”, o que não é problema algum, exceto pelo fato de que tais obras praticamente ignoram a criação de Bizâncio e seus primeiros séculos de história como pólis. Curioso e reflexivo é o fato de que boa parte das obras sobre Constantinopla são iniciadas com eventos do século VI d.C. E isso não é mera coincidência, é exatamente neste século que Justiniano assume o manto imperial, mais precisamente em 527. Ao que tudo indica, a opção por essa data é uma convenção historiográfica, assim como incontáveis outras que ora percebemos ora não.

Antes de ser remodelada e transformada em Constantinopla, a capital do Império Romano, Bizâncio era uma típica pólis litorânea que, por meio de seu porto, alcançou prosperidade econômica. Esse crescimento a tornou uma cidade vibrante, independente e multicultural, conforme evidenciado por registros históricos e achados arqueológicos. Sua localização estratégica, recursos abundantes e expansão territorial transformaram Bizâncio em um ponto crucial de interseção entre continentes, onde se desenrolavam intensas trocas comerciais, culturais e diplomáticas.

Neste artigo, temos como objetivo apresentar e discutir questões relativas à fundação desta cidade portuária, sobretudo no que concerne à relação entre gregos e trácios na ocupação e desenvolvimento do sítio, bem como a visão dos autores antigos a respeito dessa questão. Procuramos também demonstrar que sua privilegiada localização a tornou um espaço multicultural e de constantes disputas, mas que esses espaços não seriam capitalizados sem um controle eficiente da própria cidade. Para isso, reunimos diversos relatos de autores antigos e tardios, tais como Heródoto, Políbio, Estrabão, Tácito, Dionísio de Bizâncio, Procópio de Cesareia, Diodoro Sículo, Herodiano e Hesíquio de Mileto, além de vestígios provindos da cultura material que, embora escassos, são reveladores. Acreditamos que por sua localização fronteiriça, a imagem de Bizâncio oscilava entre dois polos e para assumir o controle do Bósforo e obter o apoio das demais pólis, os bizantinos precisaram solidificar sua identidade grega e atuar como uma

---

<sup>1</sup> Cumpre notar que Constantinopla passou a se chamar Istambul oficialmente apenas em 1930 e, mesmo não sendo a capital imperial que já foi, permanece como a maior e mais importante cidade da Turquia.

espécie de benfeitora da oikumene. Mas, ao mesmo tempo, também precisaram lidar diplomaticamente com distintos grupos étnicos, os quais eram referidos pelos autores greco-romanos como bárbaros, belicosos, hostis e violentos.

### **A formação/fundação da *pólis* bizantina**

A história de Bizâncio, incluindo a sua formação, é encontrada em uma série de fontes textuais da Antiguidade. Não obstante, a maioria dessas exposições é concisa e pouco elucidativa. Por essa razão, um número considerável de obras precisou ser reunido em nosso *corpus* documental. Além de referências a eventos históricos específicos, também buscamos nessas fontes questões relativas à topografia do Bósforo e à relação deste com a *pólis* bizantina.

Por um lado, sabemos que muitas das referidas obras encontram nos mitos e tradições épicas justificativas para suas explicações. Esses mitos, raros em outras fontes antigas, têm suas raízes principalmente em escritores locais, hoje perdidos, ou no conhecimento pessoal dos autores ou na tradição oral. Por outro, tais informações oferecem uma perspicácia valiosa para a compreensão de como as comunidades ao longo do Bósforo moldaram suas identidades e narrativas heroicas dentro de um contexto específico. De uma forma ou de outra, torna-se evidente que a região circundante ao Bósforo era composta por comunidades, entrepostos e aldeias de pescadores unidas por histórias mitológicas e tradições locais compartilhadas (BELFIORE, 2009, p. 68-75).

Banhada em três lados pelo Corno de Ouro, pelo Mármara e pelo Bósforo, Bizâncio era vulnerável a ataques apenas ao longo do seu estreito istmo ocidental, que se abre para a Trácia oriental. Esse promontório triangular, que domina a foz do Bósforo, permitiu a Bizâncio, e não à sua cidade-irmã, Calcedônia, dominar o estreito e lucrar com as embarcações que transitavam pelo Mar Negro (RUSSEL, 2017, p. 5). Ao menos, assim pensavam os escritores antigos, os quais influenciaram fortemente a visão dos modernos.

Políbio (*Hist.*, IV, 38), em sua famosa digressão sobre a situação de Bizâncio, afirma que a cidade possuía a posição mais segura e mais benéfica de qualquer lugar do mundo conhecido. Ao controlar a entrada no estreito do Bósforo, nenhum comerciante poderia entrar ou sair sem o consentimento dos bizantinos. Por conseguinte, a *pólis* controlaria o comércio de escravos, peles, grãos, gado e peixe salgado entre as regiões da Grécia e do Ponto, na medida em que esse domínio seria justamente o responsável por afastar os trácios e bitínios que ocupavam a área em torno do estreito. Nas palavras do autor:

A localização de Bizâncio é, no que diz respeito ao mar, mais favorável à segurança e à prosperidade do que qualquer outra cidade do mundo que conhecemos, mas no que diz respeito à terra é a mais desvantajosa em ambos os aspectos. Pois, no que diz respeito ao mar, bloqueia completamente a foz do Ponto, de tal maneira que ninguém pode entrar ou sair sem o consentimento dos bizantinos. Para que tenham total controle sobre o abastecimento de todos os muitos produtos fornecidos pelo Ponto que os homens em geral necessitam para a sua vida quotidiana (*Polib., Hist., IV, 38, 1-4*).

Por esta razão, segundo Políbio, os bizantinos poderiam ser chamados de *koinoi euergetai panton*, algo como os “benfeitores comuns de todos” ou “benfeitores universais” e também esperar apoio ou assistência dos gregos quando ameaçados pelos bárbaros. Cumpre ressaltar que o termo *euergetes* utilizado pelo autor era costumeiramente empregado para indivíduos ricos e generosos e monarcas helenísticos, especialmente os Atálidas. Por outro lado, a adição de *koinos*, que elevou a denominação do nível de uma relação recíproca entre um rei e uma *pólis* grega individual para um epíteto de significado universal, foi sem precedentes e logo seria adotada pelos romanos (GABRIELSEN, 2007, p. 287-289). Com essa descrição, Políbio dá a entender que o serviço dos bizantinos em manter o estreito livre para o trânsito das *pólis* constituía uma proteção contra as predações dos bárbaros locais. Por essa razão, seriam os benfeitores... do mundo grego.

As fontes posteriores a Políbio, em sua maioria, concordam com a descrição do autor, afirmando que a cidade era privilegiada do ponto de vista comercial devido, sobretudo, à sua localização, situada na única via de acesso ao Mar Negro, como outrora mencionamos. De fato, a posição geográfica bizantina permitia o controle das rotas que ligavam a Ásia Menor ao Ocidente, assim como a passagem do Mediterrâneo, do Egeu e do Mármara ao Mar Negro. Essa íntima ligação com o mar pode ser constatada também por meio de um dos mais populares itens de comércio bizantino, o peixe salgado, motivo que contribuía para a constante movimentação no porto da cidade (Plin., *Nat. Hist.*, IX, 15; Str., *Geo.*, VII, 6, 2).<sup>2</sup> No entanto, ainda é o autor grego que nos fornece uma descrição mais detalhada dos itens que passavam pelos portos de Bizâncio:

Quanto às necessidades básicas da vida, é um fato incontestável que as maiores e melhores quantidades de gado, bem como a multidão de seres humanos traficados como mão de obra escrava, nos alcançam dos lugares ao redor do Ponto, enquanto desses mesmos lugares recebemos abundantemente mel, cera e peixe salgado. Dos produtos excedentes de nossos próprios lugares, eles recebem azeite de oliva e todo tipo de vinho. Quanto ao grão, há uma troca; às vezes eles enviam oportunamente (ou confortavelmente) suprimentos para nós, em outros momentos recebem suprimentos de nós (*Polib., Hist.*, IV, 38, 4-5).

---

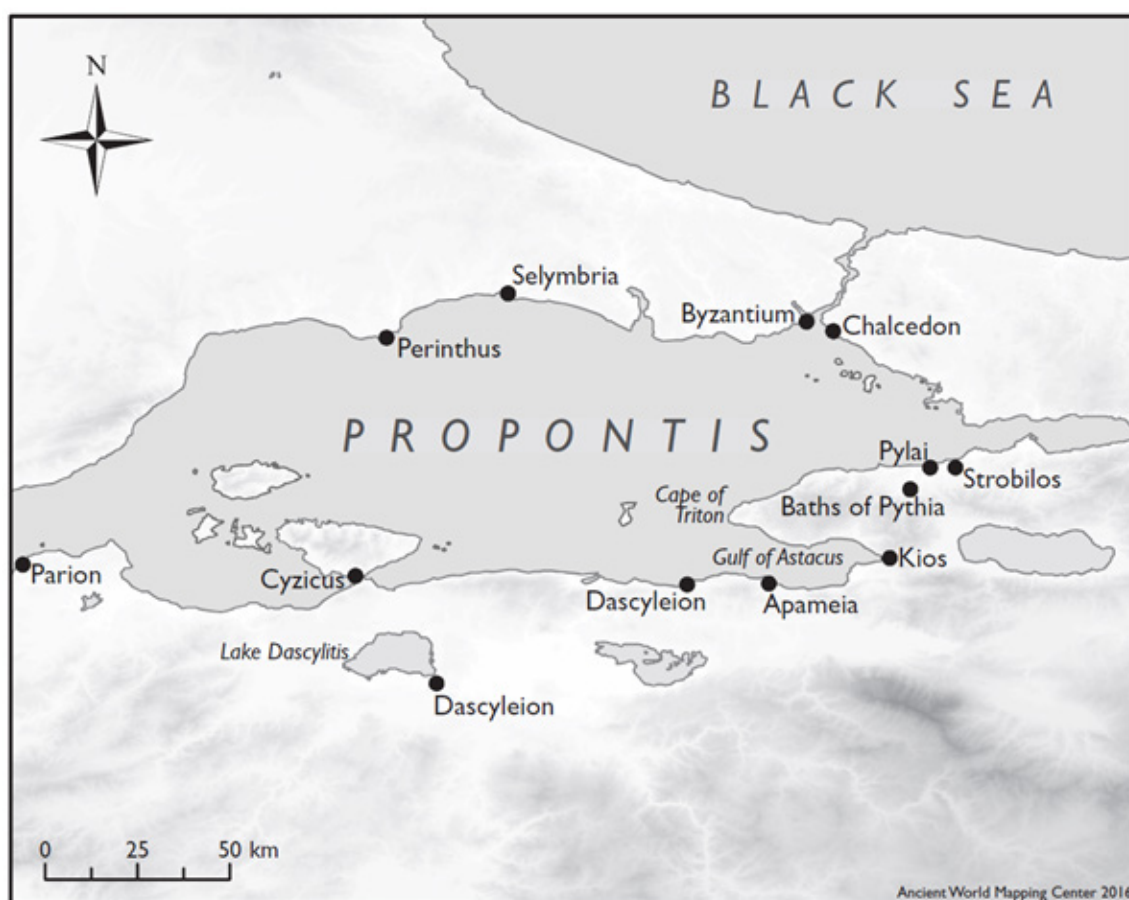
<sup>2</sup> Plínio (*Nat. His.*, IX, 1), em seu trabalho, relata a abundância de peixes nas águas que banhavam Bizâncio, especialmente do tipo *pelamis*.

Além do sucesso comercial, as vantagens geográficas de Bizâncio também foram relacionadas com os mitos de fundação da cidade. Dentre as digressões de Heródoto (*Hist.*, IV), Estrabão (*Geo.*, VII, 6, 2), Tácito (*An.*, XII), Procópio de Cesareia (*De aed.*, I, 2), Diodoro Sículo (*Bibl.*, IV, 49) e Herodiano (*Hist. Rom.*, III, 1, 5-6), a versão mais difundida para a criação da cidade sugere que ela tenha sido originalmente uma colônia de Mégara, fundada em 658 a.C., dezessete anos após a criação de Calcedônia, na margem oposta do Bósforo (Tac., *An.*, XII; Her., *Hist.*, IV). No entanto, há relatos de que Bizâncio seria sido uma colônia milésia, coríntia ou dória (Dion. Byz., *Anap.*, 24; Vel. Pat., *Hist. Rom.*, II, 15; Amm., *Res ges.*, XXI, 8). Não obstante, também existem aplicações do topônimo *Lygos* para a cidade, o que corresponderia a um assentamento trácio anterior, como mencionado por Plínio, o Velho, em sua *Naturalis Historiae* (IV, 11).

A maioria dos relatos da fundação de Bizâncio, sem dúvida, a relaciona com a personagem Bizas. Esse último, por sua vez, protagonizaria versões distintas da origem da *pólis*. A pluralidade de tais relatos aparece com mais detalhes na *Patria Constantinopolitana*, obra de Hesíquio de Mileto, no século VI d.C. Dentre as lendas coletadas, a preferida do autor diz que a cidade recebeu o nome de Io, filha do rei argivo, que foi estuprada por Ínaco e depois transformada em vaca (bovino, em grego Βοῦς). Zeus havia se apaixonado por Io e, num ataque de ciúmes, Hera enviou um moscardo para levar Io de um lugar para outro em tormento até que ela chegou à Trácia, dando à luz Ceróessa, para quem o Corno de Ouro havia sido nomeado como *Ceras* (Dion. Byz., *Anap.*, 24). Ceróessa, por sua vez, teria se relacionado com Posídon, dando à luz a Bizas, o fundador de Bizâncio (Non., *Dion.*, XXXII, 70; Proc., *De aed.*, I, 5, 1). Importa destacar que o Bósforo (β οὔς – π ὄπος), em grego, significa "Passagem do boi" (gado, bovino ou vaca). O termo poderia ser aplicado descritivamente a qualquer estreito que os gados pudessem atravessar a nado, entretanto, a etimologia do Bósforo trácio foi associada precisamente a Io, em sua forma de vaca (LIDDELL; SCOTT, 1996, p. 288-289).

Em outra versão do mito, dessa vez sem o protagonismo de seres divinos, Bizas de Mégara teria perguntado ao oráculo de Apolo, em Delfos, onde deveria fundar uma nova *apoikia* e, como resposta, teria sido orientado a navegar para o nordeste do Mar Egeu e instalá-la à frente da "terra dos cegos" (Strab., *Geo.*, VII, 6; Tac., *An.*, XII, 63). Com um grupo de colonos megarianos, Bizas teria encontrado o local onde o Corno de Ouro se une ao Bósforo e deságua no Mar de Mármara (Propôntida), diante de Calcedônia, cuja área correspondia aproximadamente à do atual Palácio de Topkapı, em Istambul (Figura 1).

**Figura 1** - Bizâncio e Calcedônia separadas pelo estreito do Bósforo



Fonte: The Ancient World Mapping Center (2016); Russell (2017, p. 113).

Não obstante as tradições acima, distintos relatos circularam na Antiguidade, como aqueles que afiançavam que a cidade foi fundada pelos argivos, os quais teriam consultado um oráculo antes de chegar ao Corno de Ouro; ou que Bizas seria filho de uma ninfa local, Semestre (Hesych., *Patr.*, 5). Por fim, podemos mencionar a narrativa presente na *Bibliotheca historica* (IV, 49, 1), de Diodoro Sículo, na qual afirma-se que Bizas foi um rei trácio que, à época dos Argonautas, fundou Bizâncio.

A história do oráculo de Delfos, descrita por Estrabão e Tácito, na qual os megarianos deveriam procurar a terra dos cegos para saber onde instalar uma *apoikia* provavelmente encontra eco nas palavras de Heródoto, que, no século V. a.C., fazia alusão a uma “cegueira” dos fundadores de Calcedônia. Nas palavras deste último, assim que o general aquemênida Megabazo,<sup>3</sup> em expansão no Mediterrâneo, chegou a Bizâncio, ele teria dito:

<sup>3</sup> Megabazo ou Megabizo, filho de Datuvahya, foi um importante líder persa que ajudou a derrubar o usurpador Esmérdís, no século VI a.C., durante o chamado “Império Aquemênida”. Ele atuou como comandante das forças de Dario I no Helesponto, por essa razão teria chegado a Bizâncio (Her., *Hist.*, IV).

Uma simples frase de Megabazo tornou-lhe o nome imortal entre os habitantes do Helesponto. Encontrando-se, certa vez, em Bizâncio, soube que os Calcedônios tinham construído sua cidade dezessete anos antes de os bizantinos haverem fundado a deles. Disse-lhes, então, que deviam ser cegos, pois de outro modo não teriam escolhido para a cidade um local tão desagradável, quando se apresentava um outro mais belo (Her., *Hist.*, IV, 144).

Além da cegueira do *oikistes* (fundador de uma colônia) de Calcedônia, tanto o excerto acima quanto boa parte dos mitos originários acenam para a posição geográfica privilegiada de Bizâncio desde a sua fundação. De Heródoto a Hesíquio de Mileto, a orientação do oráculo alude aos colonos que fundaram Calcedônia num local de terras e recursos inferiores se comparados ao lado bizantino do Bósforo.

A multiplicidade de origens para a cidade de Bizâncio não é algo incomum para as cidades do Mundo Antigo. Entretanto, isso não quer dizer que não existam motivos por trás desse confronto de narrativas. Paulopoulou (1994, p. 126-127) observa que todas as diferentes tradições podem ter servido a propósitos distintos: Bizas como um rei trácio legitimaria a reivindicação da cidade à terra sobre seus habitantes locais, enquanto a história de Bizas, filho de uma ninfa local, Semestre, enfatizaria sua conexão epicórica com a área. Da mesma forma, o semideus Bizas fundamentaria a história da cidade no passado mítico e heroico dos gregos. Por fim, a fundação por Mégara, Corinto ou outra *pólis* traçaria, ao olhar grego, um caráter civilizado em comparação a um possível passado trácio, portanto bárbaro (Dion. Byz., *Anap.*, 45).

Ao retomar a discussão sobre as origens de Bizâncio, Russell (2017, p. 235) chama atenção para o próprio nome "Bizas". Isto pois, há grandes chances de o substantivo próprio em questão ter origem trácia, uma vez que é formado a partir da adição de um sufixo ao Buζ – radical que forma a raiz comum de uma série de nomes trácios ou ilírios.<sup>4</sup> Para o autor, é possível que o nome da cidade fizesse alusão a um assentamento pré-existente, e Bizas, como grego, fosse uma invenção posterior para dar à cidade uma história de fundação. Em outras palavras, o nome do fundador teria se derivado da própria cidade e não vice-versa, como ressaltado tradicionalmente na historiografia (RAYMOND, 1964, p. 10; GEORGACAS, 1947, p. 347-367). Tal constatação, de certo modo, se aproxima do relato de Plínio, o Velho (*Nat. Hist.*, IV, 11), que afirma que Bizâncio teria se desenvolvido a partir de um assentamento trácio chamado *Lygos*.

Apesar das especulações supracitadas, é incomum encontrarmos em Bizâncio diversos membros de uma mesma família com nomes de origem trácia. Essa constatação assume grande importância, pois indica que a presença dos trácios era limitada ou que a

---

<sup>4</sup> Como, por exemplo, Beuzas, Busa, Busia, Busio, Busidius, Buzetius, entre outros.

perpetuação onomástica de tais grupos ao longo de gerações era rara, como podemos constatar pelo baixo número de inscrições trácias em Bizâncio (*IByz.*, 188; 340). Em um levantamento realizado por Louisa Loukopoulou (1989a, p. 80), foi constatado que apenas 4,4% dos nomes bizantinos catalogados eram de origem trácia. Esse número é, inclusive, inferior à proporção em outras cidades gregas do Mármara. Para a autora, isso se explica pelo rigor dos bizantinos na concessão da cidadania. Russell (2017, p. 203) não discorda dos dados da autora, mas recorda da escassez de fontes de natureza material e adverte que as poucas evidências epigráficas encontradas, assim como o uso de estelas funerárias, eram restritas a uma aristocracia local explicitamente grega. Como a maioria das estelas descobertas são oriundas de escavações feitas no sítio da antiga necrópole bizantina, próximo ao centro da *pólis*, a probabilidade de chegarmos a outros resultados é reduzida. Talvez, sugere o autor, o quadro fosse alterado se soubéssemos mais sobre a onomástica na *khóra* de Bizâncio, onde outras etnias poderiam ter vivido. Além disso, tal como ocorreu no Império Romano, é plausível assumir que os trácios adotassem nomes gregos, sobretudo no caso de matrimônio entre os diferentes grupos, deixando a questão ainda mais em aberto.

Devemos recordar que a presença dos trácios na documentação textual antiga é carregada de estigmas e características negativas, sustentada por operação relacional, na qual o “nós” eram os gregos e os “outros” eram os demais povos fora da *oikumene*, ou seja, a porção habitada e civilizada do mundo conhecido. Essa *oikumene*, no entanto, compreendia quase que exclusivamente as *póleis* e as regiões próximas que estavam sob a influência grega. Essa concepção era, muitas vezes, associada à ideia de cultura e civilização superior em contraste com regiões entendidas como selvagens e não civilizadas. Em outros termos, aqueles que não compartilhavam da cultura grega e de suas instituições eram rotulados de βάρβαρος, ou seja, bárbaros. Mesmo inicialmente baseada em diferenças linguísticas, a ideia de barbárie, ao longo do tempo, assumiu uma conotação mais ampla de inferioridade cultural, a qual será adotada pelos romanos (BEARD, 2015). Essa visão contribuiu para uma definição de identidade entre gregos, que é responsável por alimentar uma percepção de superioridade cultural destes em relação aos demais.

Embora Dionísio (*Anap.*, 84) esteja preocupado com as questões topográficas de Bizâncio, ao se referir aos trácios, suas definições são carregadas de estigmas identitários, articulados para acentuar o contraste entre Bizâncio e os povos não-gregos, com os quais os bizantinos corriam o perigo de serem associados, o que incluiu os hábitos enxergados como pertencentes às culturas bárbaras. E esse receio não era apenas um devaneio, pois os costumes da “primeira cidade” grega eram questionados quando comparados a Atenas, por exemplo. Teopompo, falando do controle de Calcedônia por Bizâncio, afirmou que



os bizantinos passavam todo o seu tempo na ágora e na taverna e acusou a constituição democrática bizantina de contribuir para um modo de vida licencioso. Menandro, por sua vez, compôs um epigrama destacando os maus hábitos e a normalidade da embriaguez em Bizâncio (Athen., *Deipnosoph.*, 12, 526e; 10, 442d). Devido à proximidade bizantina com o mundo bárbaro, Estratônico, por sua vez, referiu-se à cidade como a “axila da Grécia”, o que indicaria uma aproximação tanto física quanto cultural (Athen., *Deipnosoph.*, 8, 351c).

O próprio Mar Negro era visto como etnicamente diferente do restante da Grécia. Era um lugar incivilizado, povoado por perigosos nômades citas e tribos trácias e uma ameaça para a *oikumene*. Ser encarada como a porta de entrada para o mundo grego significava, portanto, também ser a última antes desse mundo belicoso e hostil que existia para além do Bósforo (RUSSELL, 2017, p. 12-13). É justamente com essa pressão que Bizâncio teve que lidar ao longo dos seus primeiros séculos de existência. Ao se associarem a um passado dórico, desenvolverem e consolidarem um mito da origem cidadina baseado em um fundador de Mégara, os bizantinos posicionaram-se em favor de suas raízes gregas e ao lado do mundo helênico. Não à toa, a posição (geográfica e política) de Bizâncio era do interesse de centenas de *póleis*, direta ou indiretamente.

Infelizmente, não temos fontes materiais suficientes a respeito da fundação de Bizâncio, pois o seu sítio está sob a atual Istambul, o que dificulta a realização de escavações arqueológicas. Apesar disso, ainda podemos seguir algumas evidências que iluminam essa questão, como o fato de apenas na numismática provincial romana encontrarmos menções a Bizas como o fundador grego da cidade. Abaixo podemos observar uma moeda cunhada no referido período que pode nos ajudar (Figura 2).

No averso do exemplar acima, lemos a inscrição “BYZΑΣ”, indicando a figura do lendário fundador da cidade, que aparece de capacete e barbado, voltado para a direita. Já no reverso, é representada a proa de uma galera e uma personagem, de pé, com um cetro numa mão e a outra estendida.<sup>5</sup> Também encontramos a inscrição “ΕΠ ΑΙ ΠΟΝΤΙΚΟΥ” e o monograma “HP” acima e abaixo, que indica que a cunhagem foi feita sob a supervisão ou a pedido de Pôntico.<sup>6</sup> Por fim, temos a presença da indumentária

<sup>5</sup> Galera (derivado do grego medieval “γαλέα”) era um tipo de embarcação amplamente utilizado por diversos povos, a partir do final do segundo milênio a.C., permanecendo em uso, sob distintas variantes, até o início do século XIX. Sua mais notória característica reside no fato de ser um tipo de navio que é impulsionado sobretudo pelo uso de remos (MORRISON; COATES; RANKOV, 2000, p. 25-49). Apesar disso, praticamente todos os tipos de galeras possuíam velas, permitindo a utilização destas em ventos favoráveis. Todavia, o esforço físico da tripulação sempre era o principal método de propulsão da embarcação, o que possibilitava a navegação em diferentes condições climáticas (cf. PRYOR, 1992; MORRISON; GARDINER, 1995).

<sup>6</sup> O significado do aludido monograma é variável, mas entre as possibilidades de leitura para tal, encontra-se a interpretação de que são números que indicam a edição de várias lotes (DE LUCA, 2017, p. 108-109). Além disso, há a possibilidade de ele indicar uma marca do local responsável pela cunhagem, no caso, a cidade de Herácleo. (APERGHIS, 2015, p. 20). A abreviação “HP” também pode representar “ΗΡΑΚΛΕΙΟΝ” (*Herakleion*), referindo-se a Herácleo ou a um

militar, recorrente nas moedas desse período, assemelhando-se à cunhagem romana, mas com elementos tradicionais gregos.

**Figura 2** - Moeda bizantina, AE24, 8,25 g, c. séc. II



Anverso: Inscrição "BYZΑΣ", Bizas de capacete e barbado, voltado para a direita. Reverso: Inscrição "ΕΠ ΑΙ ΠΟΝΤΙΚΟΥ", monograma "HP" acima e abaixo, proa de uma galera e uma personagem, de pé, com um cetro numa mão e a outra estendida. Ateliê monetário: Trácia. Fonte: BMC 57; Schönert-Geiss, Byzantion 2059-2067 (V19 / R30); SNG Cop 508.

A figura de uma embarcação não é desprovida de significado. Sabemos que, no final do século III a.C., a rede de influência e as possessões no exterior propiciaram aos bizantinos uma zona de controle que se estendia ao longo do Bósforo até o Golfo de Ástaco (atual Golfo de İzmit), Mísia e a costa sul do Mar de Mármara. O desenvolvimento de um sistema monetário eficiente estava intimamente ligado à expansão territorial e comercial de Bizâncio e ao controle do Mar de Mármara (RUSSEL, 2017, p. 104). Voltaremos a isso mais à frente, pois o que importa saber, neste momento, é que a cunhagem de moedas do período provincial romano demonstrava uma intenção de solidificar um dos mitos de fundação da cidade bizantina. Não à toa, moedas representando Bizas e, ao que parece, sua mãe Ceróessa (Κερόεσσα), circularam neste período, como podemos ver nos catálogos numismáticos de Bizâncio.<sup>7</sup>

Ainda no século III d.C., a face de Bizas estampava as moedas bizantinas, como podemos ver na moeda abaixo, cunhada durante o governo de Septímio Severo (Figura 3).

templo dedicado a Hércules. Por fim, na numismática bizantina, a abreviação "HP" é comumente associada à palavra "ΣΤΡΑΤΗΓΟΥ" (*stratêgou*), que significa "do estrategista", um alto oficial militar e administrativo nas províncias. Portanto, a presença do monograma em uma moeda indicaria que ela foi cunhada sob a autoridade ou durante o mandato de um estrategista. Para mais informações, consultar Grierson (1999).

<sup>7</sup> Para mais moedas bizantinas desse período, consultar o catálogo numismático de Schönert-Geiss (1972).

**Figura 3** - Moeda bizantina, 202-205 d.C.

Anverso: Inscrição "BYZΑΣ", Bizas de capacete e barbado, voltado para a direita. Reverso: Inscrição "EP M AY ANTWNI BYZANTIWN", águia em pé de frente sobre uma base, cabeça voltada para a esquerda, asas abertas. Ateliê monetário: Trácia. Fonte: Schönert-Geiss 2073-2074 var.

O exemplar acima não estava em boas condições, então tivemos que melhorar sua resolução por meio de um *software* de edição, tornando-o mais aparente, mas sem modificar qualquer detalhe. Dito isso, observamos em tal artefato a inscrição "BYZΑΣ", com o lendário fundador Bizas de capacete e barbado, voltado para a direita, em seu anverso. Já no reverso, temos uma águia em pé, observada de frente, apoiada sobre uma base, com cabeça voltada para a esquerda e asas abertas, além da inscrição "EP M AY ANTWNI BYZANTIWN", que pode ser traduzida como "EPI M(arcou) AY(riou) ANTWNI BYZANTIWN", indicando que a moeda foi cunhada sob a magistratura de Marco Áurios Antonino, em Bizâncio.

É impossível não notar que as moedas desse período se assemelhavam cada vez mais à cunhagem romana. No entanto, a conservação da figura de Bizas é significativa, pois demonstra a permanência de uma identidade bizantina e uma solidificação de Bizas como o seu *oikistes*, mesmo a cidade estando sob a condição de província romana e tendo passado por uma reconstrução, no século II d.C., após Severo destruir parte da *pólis* em represália ao apoio dos bizantinos a Níger, quando este guerreava contra o imperador (Cas. Dio, *Hist. Rom.*, LXXIII, 13, 3-5; Herod., *Hist. Rom.*, II, 7, 3).

Voltando à relação entre a cultura material e a fundação de Bizâncio, as poucas escavações arqueológicas no sítio bizantino não conseguiram provar a existência de um assentamento grego anterior. Apesar disso, uma pequena quantidade de achados, constituídos de fragmentos de vasos coríntios, foi encontrada, sendo estes datados do final do século VII a.C. Para Akurgal (1978, p. 38) e Loukopoulou (1989b, p. 52-53), estes

vestígios comprovariam um assentamento grego. No entanto, Russell (2017, p. 236) não é tão otimista. Para o autor, essas escassas evidências, no máximo, mostram que existia algum assentamento no local antes do século VII a.C. e que havia certo grau de influência grega na localidade, talvez pela presença de comerciantes e viajantes – o que é bem plausível.

Em vez de imaginar que a cidade foi fundada do zero, num único momento, Russell (2017, p. 236-237) sugere que vários povos gregos, indivíduos e pequenos grupos que não estavam sob o ordenamento de qualquer *pólis* (em sua maioria megarianos) tenham sido atraídos para o futuro sítio bizantino. Para o autor, esses indivíduos conviveram sob a espécie de um acordo que previa possibilidades de comércio com os trácios locais, o que paulatinamente fez com que surgisse uma espécie de entreposto comercial, expandido ao longo do tempo pela fixação de viajantes e mercadores gregos que circulavam por lá. Se Russell estiver correto, isso explicaria a presença de tradições dóricas, megarianas, argivas, coríntias e de outras *póleis* na trajetória e no sítio bizantinos. Outrossim, esta visão também leva em conta o papel dos trácios locais no desenvolvimento da cidade e na multiplicidade sociocultural de Bizâncio.

Embora possa ter ocorrido uma formação mista, e não propriamente uma fundação, não há dúvida que as tradições bizantinas exprimem uma identidade majoritariamente dórica, como pode ser observado em suas relações comerciais e no próprio dialeto utilizado na cidade (*Ibyz.*, 3). Precisamente por isso, os habitantes de Bizâncio começaram a dialogar com as outras cidades dóricas do Mar Negro, de modo a compartilhar sua cultura e cristalizar uma identidade em comum. Com o tempo, esse intercâmbio levou à difusão de cultos, festivais, instituições e histórias sobre a descendência comum de Mégara (RUSSELL, 2017, p. 237).

É amplamente difundido que ocorreu, no século VII a.C., uma colonização empreendida por Mégara e Mileto no Mar Negro e na Propôntida, o que levou à fundação de diversas *apoikiae*. Dentre o grupo de colônias megarianas costuma-se incluir Calcedônia, Ástaco, Selímbria, Mesembria, Heracleia Pôntica, Calátis, Quersoneso Táurica e Bizâncio. Tais cidades seriam interligadas por padrões onomásticos, calendários, rituais, instituições políticas e, é claro, pela escrita. Pensando por esse lado, o dialeto encontrado nas inscrições bizantinas vai ao encontro da hipótese de uma fundação megariana, uma vez que a Bizâncio arcaica usava um alfabeto muito próximo ou idêntico ao de Mégara, como revela a recente descoberta de uma estátua bizantina em Olímpia (Figura 4).

**Figura 4** - Base de uma estátua bizantina, Olímpia, séc. VI a.C.



Fonte: Hallof, Herrmann e Prignitic (2012, p. 33).

Em 2003, durante trabalhos de escavação ao sul da esquina sudoeste do Templo de Zeus no sítio de Olímpia, foram descobertos vestígios de uma estátua, da qual apenas a base, o pé direito frontal e o calcanhar esquerdo foram preservados, como visto na figura acima. Segundo os arqueólogos, o monumento deve ter sido enterrado durante a construção da Muralha dos Hérulos ou removido para a construção do Templo de Zeus (HALLOF, HERRMANN; PRIGNITIC, 2012, p. 216). Na base, há duas inscrições que começam na borda frontal e seguem ao longo da borda lateral direita:

Πελανίδας ἐποίησ' Αἰγίνα  
Βυζάντιοί μ' ἀνέθεκαν {γ'} ἀροθίνιον τᾶλαϊας

As inscrições são claramente distintas em termos de formas de letras, dialeto e conteúdo, mas podem ser traduzidas como “Pelânidas a criou em Egina” e “Os bizantinos me consagraram como o melhor dos despojos de guerra”. Tal como sugerem Hallof, Herrmann e Prignitic (2012, p. 217), a estátua era uma oferta votiva dos bizantinos feita a partir dos despojos de guerra, com a assinatura de um tal Pelanidas de Egina. Mais significativo que os resquícios da estátua são as inscrições de sua base, uma vez que são os mais antigos indícios de escrita bizantina que, ao lado de alguns exemplares de moedas de prata, cunhadas por volta de 411 a.C., demonstram traços dóricos em sua composição.

Mesmo não tendo acesso a essas descobertas arqueológicas, Kirchhoff (1973, p. 113) afirmava que Bizâncio deve ter usado o alfabeto de sua *metropolis*, Mégara, que pode ser distinguido pela forma especial de sua letra β.

Fundada ou não por Mégara, Bizâncio participou de uma rede colonial, na qual enfatizava-se uma herança cultural megariana, ao passo que se distinguiram das cidades milésias-jônicas que as rodeavam (ROBU, 2012, p. 191). O calendário de Bizâncio, como observa Russell (2017, p. 186-187), também é significativo, sobretudo pelas informações que fornece sobre essa rede colonial. Ao comparar, por exemplo, os meses das cidades dóricas-megarianas no Mar Negro com os de Bizâncio, há um notável grau de semelhança entre elas (*IByz.*, 33). Essa evidência é, inclusive, entendida por alguns autores como suficiente para classificar Bizâncio como uma colônia de Mégara, tal como podemos observar nos trabalhos de Hanell (1934, p. 192) e de Trümpy (1997, p. 151). Russell (2017, p. 187), por sua vez, acredita que a correlação entre os alfabetos das cidades do Mar Negro realmente comprova a existência de um meio cultural comum ao qual essas cidades pertenciam e de um patrimônio partilhado que remonta a Mégara. Todavia, para o autor, isso não quer dizer que todas essas cidades tenham sido necessariamente fundadas por esta mesma *pólis*.

Claramente, estamos diante de um impasse. Se aceitarmos que Bizâncio desenvolveu-se organicamente a partir de uma vila ou posto comercial, sem os vínculos tradicionais com uma *metropolis*, precisamos nos perguntar em que ponto de sua trajetória os bizantinos passaram a se enxergarem como uma *pólis*. A essa questão, Russell (2017, p. 239) responde que o processo de assimilação com a identidade grega teve início a partir do momento em que os bizantinos passaram a refletir a respeito de suas crenças, origens, calendário festivo e instituições políticas e a investir nas histórias e tradições sobre as origens de sua cidade. Em certa medida, concordamos com o autor. Entretanto, sua resposta sobre a datação desse processo é insatisfatória, pois não temos como localizar com precisão tais eventos. Teriam ocorrido no século II d.C., quando as moedas bizantinas começam a estampar a face de Bizas? No século I a.C., quando há a primeira menção literária ao lendário fundador? Ou no século III a.C., quando Bizâncio assume o controle do Bósforo e passa a ter mais contato com as demais *póleis*? Além do mais, deveríamos desconsiderar o mencionado relato de Heródoto, do século V a.C., no qual afirma que os bizantinos fundaram sua cidade logo após os calcedônios?

Apesar de estarmos alinhados com boa parte das análises de Russell, não acreditamos que suas considerações respondam à interrogação inicial (em que ponto de sua trajetória os bizantinos passaram a se enxergarem como uma *pólis*?). Até porque o autor parece não levar em conta o testemunho de Heródoto em sua conclusão. Entretanto, não há dados suficientes para chegarmos a uma conclusão satisfatória

sobre a fundação de Bizâncio. Ao explorarmos a origem da cidade, somos confrontados com um conjunto de dados fragmentados e intrincados, tornando a busca por uma conclusão minimamente satisfatória uma tarefa desafiadora.

Por um lado, temos à disposição vestígios arqueológicos gregos datados do século VII a.C. e relatos literários greco-romanos que atribuem a fundação da cidade a este mesmo século. Dentre esses relatos, o de Heródoto (*Hist.*, IV, 144) é particularmente notável, pois, no século V a.C., o autor já faz menção à fundação de Bizâncio no lado oposto do Bósforo, defronte a Calcedônia. A presença do dialeto e cultura dórica em Bizâncio destaca-se como um fator distintivo, como pode ser percebido nos textos e inscrições bizantinas. Além do mais, Bizâncio mostrou fazer parte de uma rede de interação dinâmica entre diversas comunidades dóricas da região.

Por outro lado, os vestígios arqueológicos do século VII a.C. são muito escassos e de origem coríntia. Ademais, a ausência de vestígios gregos anteriores a esse período é emblemática. A análise onomástica também lança luz sobre a questão étnica, uma vez que sugere uma coabitação trácia em Bizâncio. A referência histórica de Heródoto, embora valiosa, adiciona camadas de complexidade à narrativa, pois os dezessete anos de diferença entre a fundação de Calcedônia mencionados pelo autor não encontram respaldo arqueológico ou literário, exceto pela repetição de seus dados por fontes tardias. Por último, e talvez menos importante, é o fato de Bizâncio ter sido alvo de piadas na Antiguidade, sendo ora considerada a “primeira” e a ora “última” cidade grega devido à proximidade cultural e territorial com os ditos bárbaros.

Sobre a última colocação mencionada, podemos antecipar que a dualidade na imagem da cidade pode ser interpretada como uma consequência da sua posição estratégica e da complexa interação entre diferentes influências culturais e étnicas ao longo do tempo. Ao passo que piadas e insultos não eram incomuns entre as *póleis*, como exaustivamente explorado na relação entre Atenas e Esparta. Todavia, em última análise, a questão da fundação de Bizâncio permanece envolta em dúvidas e a escassez de dados nos impede de chegarmos a uma conclusão satisfatória. Mas, ainda assim, podemos conjecturar algumas hipóteses.

### **Considerações finais**

Bizâncio parece ter emergido de uma trama intrincada de influências gregas e trácias, levando-nos a contemplar a possibilidade de uma formação orgânica em um assentamento pré-existente, onde diversas comunidades coexistiam, moldando uma identidade grega e bizantina ao longo dos séculos. Essa identidade poderia ter se manifestado como

dórica, descendente de Mégara, devido à quantidade superior de indivíduos dóricos que compunham o sítio. As relações com as comunidades vizinhas, também dóricas, podem ter facilitado a solidificação e a coesão interna e externa de uma identidade grega, colônia de Mégara. Tal como sugerido por Robu (2012, p. 191; 2014, p. 410), a existência de uma *ethnos mégarien* possivelmente formou-se como um esforço para instilar um senso de solidariedade entre gregos diante das ameaças bárbaras, isto é, dos não gregos.

Gostaríamos de sugerir uma possibilidade ainda não levantada que não descarta as duas alternativas historiográficas sobre a formação/fundação de Bizâncio. Como sabemos, uma onda de colonização ao longo do Mar Negro e no Mar de Mármara foi protagonizada por Mérito e Mégara no século VII a.C. Nada impede que grupos dóricos tenham, de fato, partido de Mégara a fim de encontrar novas terras e um local propício para a criação de uma colônia. Em sua empreitada, tendo consultado ou não um oráculo, chegaram a um local geograficamente atrativo e lá decidiram se instalar. Neste mesmo local, poderiam ter se deparado com trácios locais que já ocupavam algum tipo de assentamento, embora bem diferente de uma cidade grega. Por meio de algum tipo de acordo social e comercial, os distintos grupos étnicos teriam coabitado o mesmo sítio. Ao passo que os gregos teriam aproveitado o assentamento pré-existente dos trácios, estes últimos teriam influenciado os gregos, como é possível notar pela raiz linguística do próprio nome de Bizâncio. Com o tempo, a vila ou entreposto foi transformado numa típica *pólis* e os trácios locais absorvidos na sociedade greco-bizantina. Talvez o passado trácio do sítio não tenha sido um problema até Bizâncio passar a ser reconhecida como uma cidade digna de nota e estrategicamente importante no Bósforo. Por esse motivo, a solidificação de um passado grego e a criação de um mito fundador seriam ferramentas úteis para a perpetuação da imagem de “primeira cidade” ou “benfeitora comum de todos”, tal como exprime Políbio.

Nossa inferência parte precisamente das mesmas fontes utilizadas pelos autores mencionados ao longo deste artigo. No entanto, algo que precisa ser levado em consideração e que ainda não parece ter sido discutido pela historiografia refere-se à já aludida descoberta dos fragmentos e da base de uma estátua bizantina em Olímpia. Se os arqueólogos responsáveis por sua descoberta e análise estiverem certos, sua datação corresponde ao século VI a.C. Isso quer dizer que temos as primeiras evidências de um grupo de indivíduos sendo chamados de “bizantinos” nesta data. Se as evidências, com uma extensa margem de erro, pertencerem ao século IV a.C., como informam Hallof, Herrmann e Prignitic (2012, p. 33), elas serão posteriores à menção de Heródoto a respeito da cidade de Bizâncio. De uma forma ou de outra, sabemos que, pelo menos, desde o século V a.C., a cidade bizantina já existia e já era reverenciada por seus atributos



topográficos em comparação aos de Calcedônia. Ademais, nenhuma menção negativa à cidade foi feita nas *Histórias*, de Heródoto, assim como nenhuma alusão a uma possível origem trácia. Isso indicaria que o antigo assentamento havia sido reconhecido como uma *pólis* já nesse período. E quanto a Bizas?

Infelizmente, não temos muitas informações antigas a respeito da figura de Bizas, sendo estas restritas a fontes tardias. Mas isso não quer dizer que nenhum indivíduo Bizas tivesse existido e tido alguma importância na formação ou fundação da cidade. Como mencionado acima, o século VI a.C. ou V a.C. já conhecia os bizantinos e ainda há a possibilidade de o nome da *pólis* ter alguma relação com algum indivíduo de mesmo nome, mas que ganhou uma nova roupagem para agraciar a cidade com um típico mito grego de fundação. Mesmo que Bizas tenha sido completamente inventado para dar um tom heroico à narrativa da fundação da cidade, esta não seria a primeira *pólis* ou *urbs* a fazer isso. Que diremos da fundação de Roma por Rômulo? Inclusive, discussão similar e muito mais acalorada ocorreu a respeito da fundação da cidade latina, na qual assistimos a defensores da fundação e da formação se digladiarem por décadas. Assim, parafraseando Maria Isabel Fleming (2011, p. 87), e adaptando suas palavras do caso romano para o bizantino, podemos assumir que o nascimento de Bizâncio resulta de uma fundação que pressupõe uma formação já em curso, a qual se traduziu em um evento, datável no tempo (século VII a.C.) e localizado no espaço (às margens do Bósforo opostas a Calcedônia, no Corno de Ouro), que se inscreveu no fenômeno de longa duração que é a emergência da cidade antiga. Ou seja, além de a fundação não excluir a formação, esta foi até mesmo necessária para que a primeira fosse possível.

## Referências

### Documentação textual

AMMIANUS MARCELLINUS. *History: Books 14-19*. Translated by J. C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press, 1950. v. 1.

ATHENAEUS. *The learned banqueters: Books 10.420e-11*. Edited and translated by S. Douglas Olson. Cambridge: Harvard University Press, 2009. v. 5.

ATHENAEUS. *The learned banqueters: Books 8-10.420e*. Edited and translated by S. Douglas Olson. Cambridge: Harvard University Press, 2008. v. 4.

DIO CASSIUS. *Roman History*. Translated by Earnest Cary. Cambridge: Harvard University Press, 2006. v. 6.

- DIO CASSIUS. *Roman History*. Translated by Earnest Cary. Cambridge: Harvard University Press, 2006. v. 9.
- DIODORO SÍCULO. *Biblioteca histórica: Libros XV-XVII*. Traducción y notas de Juan José Torres Esbarranch y Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid: Gredos, 2012.
- DIONYSIUS BYZANTIUS. *Anaplys Bospori/De Bospori navigatione*. Edited by Rudolf Güngerich. Berlin: Weidmann, 1927.
- ESTRABÓN. *Geografía: Libros V-VII*. Traducción de José Vela Tejada y Jesús Gracia Artal. Madrid: Gredos, 2001. v. 3.
- HERODIANO. *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurelio*. Traducción, introducción y notas de Juan José Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 1985.
- HERÓDOTO. *História*. Tradução de J. Brito Broca. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1964.
- HESYCHIUS ILLUSTRIS. Πάτρια Κωνστινουπόλεως. In: SCRIPTORES ORIGINUM CONSTANTINOPOLITANARUM. Recensuit Theodorus Preger. Leipzig: B. G. Teubner, 1989, p. 135-150. f. 1.
- NONNOS. *Dionysiaca: Books XVI-XXXV*. With an English translation by W. H. D. Rouse, mythological introduction and notes by H. J. Rose, and notes on text criticism by L. R. Lind. Cambridge: Harvard University Press, 1940. v. 2.
- PLINY. *Natural History*. Edited by E. H. Warmington, with an English translation by H. Rackham. Cambridge; London: Harvard University Press; William Heinemann, 1967.
- POLYBIUS. *The Histories: Books 3-4*. Translated by W. R. Paton. Revised by F. W. Walbank and Christian Habicht. Cambridge: Harvard University Press, 2010. v. II.
- POLYBIUS. *The Histories: Books 9-15*. Translated by W. R. Paton. Revised by F. W. Walbank and Christian Habicht. Cambridge: Harvard University Press, 2011. v. IV.
- PROCOPIUS. *On buildings*. Translated by H. B. Dewing and G. Downey. Cambridge: Harvard University Press, 1940. v. 2.
- TACITUS. *Annals: Books IV-VI, XI-XII*. Translated by J. Jackson. Cambridge: Harvard University Press, 1937.
- VELEIO PATÉRCULO. *Historia Romana*. Introducción, traducción y notas de María Asunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001.

### **Documentação arqueológica**

- HALLOF, K.; HERRMANN, K.; PRIGNITZ, S. Alte und neue Inschriften aus Olympia I. *Chiron*, v. 42, p. 213-238, 2012.

## Documentação epigráfica

ŁAJTAR, A. (ed.). *Die Inschriften von Byzantion: Die Inschriften*. Bonn: Rudolf Habelt, 2000. t. 1.

## Documentação numismática

GRIERSON, P. *Byzantine coinage*. Washington: Dumbarton Oaks, 1999.

SCHÖNERT-GEISS, E. *Die Münzprägung von Byzantion: Autonome Zeit*. Berlin: Akademie, 1970. t. 1.

SCHÖNERT-GEISS, E. *Die Münzprägung von Byzantion: Kaiserzeit*. Berlin: Akademie, 1972. t. 2.

SYLLOGE NUMMORUM GRAECORUM. *The William Stancomb collection of coins of the Black Sea region*. Oxford: Oxford University Press, 2000. v. XI.

## Obras de apoio

AKURGAL, E. *Ancient civilizations and ruins of Turkey: from Prehistoric times until the end of the Roman Empire*. Istanbul: Haşet Kıtabevi, 1978.

APERGHIS, M. *Interpretation of monograms and symbols on 'Alexanders'*. 2015. Disponível em: <[https://www.academia.edu/29881898/Interpretation\\_of\\_monograms\\_and\\_symbols\\_on\\_Alexanders](https://www.academia.edu/29881898/Interpretation_of_monograms_and_symbols_on_Alexanders)>. Acesso em: 10 abr. 2019.

BEARD, M. *SPQR: a history of Ancient Rome*. New York: Liveright, 2015.

BELFIORE, S. *Il periplo del Ponto Eusino di Arriano e altri testi sul Mar Nero e il Bosforo: spazio geografico, mito e dominio ai confini dell'Impero Romano*. Venezia: Istituto Veneto di Scienze, Lettere ed Arti, 2009.

DE LUCA, F. Alphabetical numbering and numerical progressions on drachms and Massalia's small bronze coins. *Revue numismatique OMNI*, n. 11, p. 74-111, 2017.

FLEMING, M. I. D. Roma: da federação de vilas no Lácio ao nascimento da cidade. In: ALDROVANDI, C. E. V.; KORMIKIARI, M. C. N.; HIRATA, E. F. V. (org.). *Estudos sobre o espaço na Antiguidade*. São Paulo: Edusp, 2011, p. 71-88.

GABRIELSEN, V. Trade and tribute: Byzantion and the Black Sea straits. In: GABRIELSEN V., LUND, J. (ed.). *The Black Sea in Antiquity: regional and interregional economic exchanges*. Aarhus: Aarhus University Press 2007, p. 287-324.

GEORGACAS, D. J. The names of Constantinople. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 78, p. 347-367, 1947.

- HANELL, K. *Megarische Studien*. Lund: Lindstedt, 1934.
- KIRCHHOFF, A. *Studien zur Geschichte des griechischen Alphabets*. Hildesheim: G. Olms, 1973.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English lexicon*. Revised and augmented by H. S. Jones with the assistance of R. McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- LOUKOPOULOU, L. D. Colons et indigènes dans la Thrace Propontique. *Klio*, v. 71, p. 78-83, 1989a.
- LOUKOPOULOU, L. D. *Contribution à l'histoire de la Thrace Propontique durant la période archaïque*. Athens: Chez l'Auteur, 1989b.
- MORRISON, J. S., COATES, J. F.; RANKOV, B. *The Athenian trireme: the history and reconstruction of an ancient Greek warship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- MORRISON, J. S.; GARDINER, R (ed.). *The age of the galley: Mediterranean oared vessels since pre-classical times*. London: Conway Maritime Press, 1995.
- PAULOPOULOU, A. Myth and cult of founder-heroes in the Greek colonies of Thrace. In: AVRAMEA, A. et al. (ed.). *Thrace: General Secretariat of the Region of East Macedonia-Thrace*. Athens: Idea Advertising-Marketing, 1994, p. 115-134.
- PRYOR, J. H. *Geography, technology and war: studies in the maritime history of the Mediterranean, 649-1571*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- RAYMOND, J. *Constantinople Byzantine*. Paris: Institut Français d'Études Byzantines, 1964.
- ROBU, A. Les établissements mégariens de la Propontide et du Pont-Euxin: réseaux, solidarités et liens institutionnels. *Pallas*, v. 89, p. 181-195, 2012.
- ROBU, A. *Mégare et les établissements mégariens de Sicile, de Propontide, et du Pont-Euxin: Histoire et institutions*. Bern: Peter Lang, 2014.
- RUSSELL, T. J. *Byzantium and the Bosphorus: a historical study, from the seventh century BC until the foundation of Constantinople*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- TRÜMPY, C. *Untersuchungen Zu Den Altgriechischen Monatsnamen Und Monatsfolgen*. Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, 1997.